



O Eros de Apuleio

The Eros of Apuleius

Giovanna Agulha Sarti¹

<http://orcid.org/0000-0001-5651-5925>
gisarti@usp.br

Adriane da Silva Duarte²

<http://orcid.org/0000-0002-7133-3115>
asduarte@usp.br

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i1.50063>

RESUMO: O conto de *Cupido e Psiqué* jaz no coração de *O Asno de Ouro*. Sua centralidade não se deve apenas ao posicionamento dentro da estrutura do romance, mas também à correspondência temática e simbólica entre as jornadas de seus protagonistas: enquanto cada narrativa opera em nível próprio, o espelhamento entre Psiqué e o homem-asno Lúcio importa em diversas chaves interpretativas para o labirinto confeccionado por Apuleio (séc. II). No entrecruzamento deste jogo de projeções, Cupido se estabelece como eixo central: reunindo uma miríade de Eroses diversos, reflete a tradição literária, iconográfica, mítico-folclórica e, principalmente, filosófica em uma figura profusa e paradoxal. Por um lado, sua construção pode ser entendida como índice de um traço canhestro que falha em congregar as diversas matrizes artísticas em prol da narrativa; por outro, tal multiplicidade pode efetivamente traduzir no estilo ambivalente de Apuleio as possibilidades diversas deste deus já tão reconhecido na tradição, ao mesmo tempo que evoca as instâncias de significação platônica que norteiam a jornada simbólica das almas em busca de elevação.

PALAVRAS CHAVE: *Cupido e Psiqué*; Apuleio; Eros; platonismo

ABSTRACT: The tale of *Cupid and Psyche* lies at the very heart of *The Golden Ass*. Its centrality derives not only from its positioning within the structure of the novel but also from the thematic and symbolic correspondence between the journeys of the protagonists: while each narrative operates at its own level, the mirroring between Psyche and the ass-man Lucius offers several interpretative keys for the labyrinth outlined by Apuleius (2nd century). At the intersection of these projections, Cupid establishes itself as the central axis: bringing forth a myriad of different Eroses, it reflects the literary, iconographic, mythical-folkloric and philosophical traditions in a profuse and paradoxical figure. On the one hand, its construction can be understood as an index of an inept trait that fails to congregate these various artistic matrices in favour of the narrative; on the other hand, such multiplicity can effectively translate in Apuleius' ambivalent style the diverse possibilities of this god already so recognized in the tradition, at the same rate it evokes the instances of Platonic meaning that guide the symbolic journey of souls in search of elevation.

KEYWORDS: *Cupid and Psyche*; Apuleius; Eros; platonism

¹ Graduanda em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista PIBIC/CNPq sob orientação da Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

² Professora Livre-docente de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.



Sublime e terrível, Eros é uma figura formidável no imaginário greco-latino. Desde a manifestação do desejo que afasta Zeus da batalha em Troia³ ao voluntarioso marido de Psiquê, seus múltiplos disfarces, feições e âmbitos de atuação permeiam a produção literária e iconográfica da antiguidade, oscilando entre o despótico desejo que urge em ser saciado e a divina loucura que impele homens e deuses em seus propósitos. Nesse sentido, o caráter ontologicamente prismático dos mais diversos Eroles⁴ que emergem da tradição vem reunido em uma composição complexa, contraditória e enigmática: apesar — ou por consequência — de seu traço essencialmente ambivalente, Apuleio (séc. II) perfaz, nesta miríade de matrizes, um único Eros, sustentáculo elementar de *Cupido e Psiquê*.

Inserido em *O Asno de Ouro*, este conto sobre as desventuras de uma jovem princesa em busca de alçamento ao mundo divino “recapitula em miniatura as experiências de Lúcio” (EDWARDS, 1992, p. 78)⁵. Se a jornada do homem-asno se delinea nas nuances dos “contos milésios” — narrativas de cunho sobrenatural, erótico e fantástico⁶ interpoladas como relatos ao arco protagonizado por Lúcio —, aquele de maior extensão, expressão e relevância estrutural importa em um notório simbolismo para o romance. Com isso, *Cupido e Psiquê* desencadeia ressonâncias junto a *O Asno de Ouro*, operando espelhamentos entre os protagonistas e suas respectivas narrativas em proveito de um expediente de significação ainda obscuro, contando com tantas chaves interpretativas quanto o são as faces de Eros: são perspectivas que evocam um “estudo sobre o nascimento da inveja e sua evolução nas almas” (GUIMARÃES, 2019, p. 31), uma parábola sobre a esperança (SCHLAM, 1970, p. 480) ou ainda uma alegoria filosófica de base platônica (PANAYOTAKIS, 2001, p. 577). De toda sorte, as elaborações sobre a correspondência entre as narrativas e seus simbolismos intrínsecos invariavelmente se assentam em um aspecto alegórico primordial, cuja complexidade emana da recolha de possíveis fontes ao aporte das linhas interpretativas desenvolvidas pela crítica. A inescapável dimensão simbólica do conto, assim, confere uma profícua chave de leitura à história do asno, ao mesmo tempo que lhe imputa uma outra pletera de questionamentos.

³ Como dispõe Mateo Navarro Quintero, “*la concepción homérica del amor es menos divina en comparación con otros autores [...] el dios Eros no era considerado como una divinidad, sino como un simple deseo más, como una fuerza que se apoderaba de hombres y mujeres por igual*” (2020, p. 30).

⁴ Esta imagem vem de empréstimo de Jean Alvares (2014, p. 32), ao tratar das manifestações de Eros em *Dáfnis e Cloé* de Longo.

⁵ “*The fable recapitulates in miniature the experiences of Lucius*”. Todas as traduções de citações são nossas, à exceção de indicações contrárias.

⁶ Os contos milésios se referem às narrativas de Aristides de Mileto (séc. II AEC), sobreviventes de modo fragmentar. Posteriormente foram adaptadas em latim pelo historiador Sisena (BITEL, 2001, p. 141).

De partida, as multiplicidades orquestradas por Apuleio nos diversos níveis de sua narrativa provêm da incorporação de uma multiplicidade de referenciais da cultura greco-latina.⁷ Segundo aponta E. J. Kenney,

as fontes que contribuíram na escrita de *Cupido e Psiquê* podem ser elencadas sob um número de títulos (que não são, em absoluto, mutuamente excludentes): (i) Folclore e Mito; (ii) Textos Literários; (iii) Filosofia Platônica; (iv) Iconografia⁸ (1990, p. 17).

Com “folclore”, Kenney toma narrativas de cunho tradicional que se popularizaram no registro dos Irmãos Grimm (DOWDEN, 1982, p. 336) como índices de uma possível influência ancestral no conto de Apuleio⁹, tanto na tipologia do enredo quanto nos componentes narrativos e, em especial, na composição das personagens. Não à toa, o conto instaura um mundo atemporal de reinos e reis incógnitos¹⁰, em dissonância com a contextualização contemporânea do romance latino (KENNEY, 1990, p. 22), apresenta irmãs más (*idem*, p. 17) e árduas tarefas a serem enfrentadas como em *Cinderela*, e dirime o conflito com o *topos* do encanto rompido pela chegada do amado, como em *A Bela Adormecida* (JAMES, 2014b, p. 324) ou *Branca de Neve*. Dentre os possíveis paralelos que emergem desta fonte, no entanto, aquele que se distingue como expressivo parâmetro para a construção específica de Cupido é *A Bela e a Fera*. Já no introito do conto de Apuleio, a profecia do Oráculo de Apolo ao pai de Psiquê desvela algo digno da alcunha de “fera”:

Sobre o rochedo escarpado, suntuosamente enfeitada, expõe, rei, a tua filha para núpcias de morte. Então, ó rei, não espere para teu genro, criaturas originadas de mortal stirpe, mas um monstro cruel e viperino, que voa pelos ares. Feroz e mau, não poupa ninguém. Leva por toda parte o fogo e o ferro, e faz tremer a Júpiter,

⁷ Estes referenciais que avultam as possibilidades interpretativas da obra têm raiz na própria formação do autor — a *paideia* —, que o pôs em contato com todo um “conjunto de aprendizados literários, retóricos, oratórios, políticos, filosóficos e mitológicos fundados nos princípios da cultura clássica greco-latina” (LIMA NETO, 2018, p. 73). Segundo desenvolve Belchior Monteiro Lima Neto (*idem*), o próprio prestígio que Apuleio obteve na sociedade imperial esteve atrelado a esta dimensão.

⁸ “The sources that he laid under contribution in writing *Cupid & Psyche* may be categorized under a number of (by no means mutually exclusive) headings: (i) Folktale and myth; (ii) Literary texts; (iii) Platonizing philosophy; (iv) Iconography”.

⁹ Para além da contenda entre ser *Cupido e Psiquê* o primeiro registro de uma narrativa corrente na oralidade (HOOKER, 1955, p. 24) ou criação inédita de Apuleio (DOWDEN, 1982, p. 336), alguns defendem que a circulação dos contos populares não precederia o autor e não poderia tê-lo inspirado (SANDY; HARRISON, 2008, p. 297), ao passo que outros identificam seus elementos folclóricos em diversas narrativas de culturas da Ásia Menor e África do Norte (BOBERG; DERMENGHEM *apud* SCHLAM, 1971, p. 299), fato indicativo de uma origem ancestral capturada pelo conto. A esse respeito, aliás, nota-se o alinhamento de uma interpretação moralizante que dá relevo à dimensão de *paideia* envolvida nas narrativas tradicionais e também no conto. Tal perspectiva é menos explorada pela maior parte da crítica, mas acomoda o cunho platônico a ser desenvolvido *a posteriori*.

¹⁰ A frase “Era uma vez” (APULEIO, IV. 28), apreendida na tradução de Sandra Bianchet (2020, p. 94) recordaria o início de contos de fadas (SANDY, 1999, p. 112), não fosse uma frase latina amplamente atestada em textos históricos (FEHLING *apud* SCHLAM, 1993, p. 66).

e é o terror de todos os deuses, e apavora até as águas do inferno, e inspira terror às trevas do Estige (APULEIO, IV. 32).

Tal como ocorre no conto de fadas, o noivo monstruoso¹¹ de Psiquê se metamorfoseia no mais belo homem (SANDY; HARRISON, 2008, p. 297) e, posteriormente, resulta em objeto de redenção por meio do amor (DOWDEN, 1982, p. 336). Fato relevante é que, mesmo dentro desta vertente, a opção de Apuleio já se faz paradoxal, refletindo na composição de Cupido as contrariedades de uma expressão abominável do amante, contraposta à revelação de beleza, estabilidade matrimonial e “final feliz” que se institui com o arquétipo de “príncipe encantado”.

Tal dimensão folclórica elencada por E. J. Kenney é, por um lado, face complementar do mito: como observa Carl Schlam, o mito advém da cristalização do folclore em uma tradição posterior (1992, p. 89). Contudo, da perspectiva religiosa greco-latina, a faceta propriamente mítica se ilumina pelo contraste junto às fontes iconográficas e literárias, tendo-se ainda em consideração que, para Apuleio, o parâmetro mitológico importa menos que a representação literária precedente:

Da associação de Psiquê com a heroína do romance, de início, até o conselho dos deuses no fim, constantemente ouvimos ecos de narrativas e descrições de autores gregos e latinos, de Homero a Cáriton e de Lucrecio a Sêneca. É um lembrete que o mundo representado em *Cupido e Psiquê* é um mundo literário, em que deuses —incluindo Cupido— são investidos de *personae* que adquiriram através de séculos de tradição literária¹² (PENWILL, 1998, p. 172).

Com isto, os referenciais para a caracterização de Cupido procedem de uma longa linhagem de Eroles que remontam às primeiras expressões da literatura ocidental. Em Homero (c. séc. VIII AEC), sobrevém o caráter essencialmente físico do desejo a ser saciado¹³, ainda que não estivesse vinculado a uma personificação (BREITENBERGER, 2007, p. 145). Já em Hesíodo (c. séc. VIII AEC), Eros surge de modo dual, ora como uma potência magnânima, propiciadora do mecanismo cosmogônico (*idem*, p. 138), ora como mero coadjuvante, um entre os muitos vassalos no cortejo de Afrodite. Esta associação à deusa do amor, conquanto perene, também se mostra volúvel nas

¹¹ Paula James defende que o oráculo estaria parcialmente certo — não por apresentar uma visão enviesada sobre um Eros obscuro e assustador, como seria plenamente cabível (BARRETT, 1994, p. 79), mas por potencialmente ser uma descrição “excêntrica” do assassinato da virgindade de Psiquê (2014a, p. 323). Esta leitura corrobora o caráter moralizante dos contos de fadas, na instrução às jovens sobre o mundo do casamento — não diferente do tratamento da morte da *parthenos* na métrica arcaica (SAFO, [RAGUSA, 2021, p. 169]), em *Dáfnis e Cloé* (BIERL, 2014, p. 450) e nas culturas tradicionais, em geral (LALANNE *apud* TEMMERMAN, 2014, p. 235).

¹² “From the association of Psyche with romance heroine at the outset through to the council of the gods at the end, we are constantly hearing echoes of narratives and descriptions from authors both Greek and Latin, from Homer to Chariton and from Lucretius to Seneca. It is a reminder that the world depicted in ‘Cupid and Psyche’ is very much a literary world, one in which the gods—including Cupid—are invested with the *personae* they have acquired through centuries of literary tradition”.

¹³ Seja ele de ordem sexual, ou ainda de ordem alimentar, emocional, etc (BREITENBERGER, 2007, p. 145).

especificidades, constando primeiramente em Safo (c. 630–580 AEC) e Simônides (c. 556–468/64 AEC) a filiação (GANTZ, 1993, p. 104) que embasa o conto de Apuleio.

Posteriormente, o movimento de individuação e progressiva relevância de Eros no imaginário cultural parece culminar em uma emancipação dos desígnios de Afrodite, sobretudo no período helenístico (BREITENBERGER, 2007, p. 137), conforme demonstra um grupo escultural em mármore de Delos, datado de c. 100 AEC: Eros age contra a soberania de Afrodite, inflamando em Pã uma indesejada paixão pela deusa.¹⁴ Ainda nesse sentido, a manifestação de Eros como coautor das narrativas de amor idealizado no Romance Grego¹⁵ atribui uma dinâmica paradigmática a *Cupido e Psiquê*: diferentemente da relação hierárquica ainda presente em *Quéreas e Calíroe* (séc. I) (DUARTE, 2020, p. 188). Em *Dáfnis e Cloé* (séc. II), Eros deixa a sombra dos desígnios maternos e conduz o destino dos amantes sem sequer fazer menção a outra força que o governe. Não por acaso, tais narrativas se alinham ainda à dimensão folclórica enquanto vetores de um subtexto moralizante e paidêutico sobre a “transição da juventude para a maturidade¹⁶, da descoberta que [a moça] divide a cama com não um monstro, mas um homem, à revelação de que a vida do adulto maduro depende dela e de seu marido encontrarem independência” (RELIHAN, 2007, p. XXIII)¹⁷. Em vista deste movimento, também a sustentação do conto de Apuleio progride da ligação umbilical com relação aos desígnios de Vênus a um novo nível de amadurecimento, tendo em Cupido tanto o jovem caprichoso que luta por independência quanto o condutor da trama, em seu ardiloso plano para criar um caminho próprio com Psiquê.

Diferentemente desta ilustre associação à Afrodite, o pareamento de Eros a Psiquê é mais tardio na tradição, surgindo apenas na estatuária em sepulcros e monumentos entre os séculos

¹⁴ Na escultura, Afrodite segura uma sandália para impedir os avanços de Pã enquanto Eros flutua entre ambos. Nikolaos Kaltsas (2002, p. 295) entende que o Eros representado tenta repelir a investida de Pã; contudo, dentre aqueles responsáveis por instilar paixão no deus pastoril, faz-se mais crível que a confusão tenha sido ao menos propiciada por Eros, naturalmente zombeteiro, malicioso e brincalhão (BREITENBERGER, 2007, p. 193). Segundo aponta ainda Yael Young sobre a representação de Afrodite punindo Eros com uma sandália em uma hydria ática de Tübingen (c. 420–410 AEC), “*this image of Aphrodite threatening her child with this object became common in later art, including Roman [...] In all of these educational scenes, an adult [...] uses the sandal as a means to conduct a corporal punishment on a minor or subordinate*” (2020, p. 3).

¹⁵ Diversas são as influências destas narrativas de romance idealizado sobre *Cupido e Psiquê* (KENNEY, 1990, p. 19), como as intempéries da *Tyche* (TATUM, 1969, p. 491), presença de ladrões (*idem*, p. 506), de peregrinação e da inabalável fidelidade da protagonista (WALSH, 1998, p. 199). Mais especificamente, Apuleio teria extraído de Calíroe os moldes da beleza de Psiquê (WALSH, 1998, p. 175), e de Longo, a figura zelosa de Pã (SCHLAM, 1992, p. 95).

¹⁶ Também este aspecto é possível na transposição para *O Asno de Ouro*:

It deals less with initiation into mystery cults than with pubescent initiation into adulthood. Within its surface structure, the *Golden Ass* debates, reworks and acts out the crisis of the liminal phase of adolescence. The texture of the plot interweaves images of the boy's tragedy and the maiden's tragedy and draws heavily on metaphors and metonymies which are all linked to this fundamental crisis of puberty (BIERL, 2013, p. 61).

¹⁷ “*the transition from maidenhood to womanhood, from the discovery that what shares her bed is not a monster but a man, to the revelation that mature adult life depends upon her and her husband finding their independence*”.

V-IV AEC¹⁸ (SCHLAM, 1992, p. 90). Nota-se que a iconografia não traz os episódios específicos desenvolvidos em *Cupido e Psiquê*, de modo a corroborar a agência de Apuleio na criação de um conto ainda inédito: a própria escolha destes consortes desprovidos de narrativa tradicional assim outorgaria a seu criador a recolha arbitrária das influências que lhe aprouvessem, abrindo ampla margem para que seu engenho operasse junto aos mais diversos registros artísticos. Todavia, defende Cláudia Teixeira, a opção pela presença do elemento mítico poderia servir a um subterfúgio caricaturesco, em “um plano evidente e inequívoco de dessacralização” do modelo religioso tradicional em prol do alçamento da religião isíaca no contexto maior do romance:

A estratégia que o conto inaugura, e que vai conhecer desenvolvimento posterior, concretiza-se através da desconstrução de algumas religiões e funciona pela introdução de elementos suscetíveis de comparação com os apresentados no livro XI, de forma que dessa comparação resulte a evidência da superioridade de Ísis e de sua religião. E esse plano processa-se no conto de Amor e Psiquê através do tratamento dos deuses tradicionais (2000, p. 79).

Sob este parâmetro de composição, a construção de Cupido ganha ainda outras contingências interpretativas: ainda que Apuleio negue “determinadas características associadas ao conceito de divindade”, atribuindo-lhe traços que o assemelham “às personagens dominadas por sentimentos e ações de covardia, vingança e adultério [...] do plano da *Fortuna caeca*” no romance, Cupido é “a única divindade tratada com relativa simpatia [...], na medida em que lhe é possibilitada uma evolução”. Não obstante, nota ainda Teixeira, “esse tratamento é mais resultado da sua figura enquanto alegoria da evolução do amor do que enquanto divindade” (2000, p. 80), em um domínio correspondente à base filosófica sobre a qual o conto se edifica.

No campo da filosofia, aliás, a última fonte introduzida por E. J. Kenney parece ser a de maior afinidade com o autor empírico. Tendo por base a cultura material, Apuleio teria se notabilizado não como romancista, advogado, orador ou sacerdote, mas como filósofo platônico. Na sua Madaura natal¹⁹ encontra-se ainda uma inscrição que, provavelmente, jazia sob os pés de uma estátua em sua homenagem, onde se leria: “os cidadãos de Madaura dedicaram às expensas públicas esta estátua ao filósofo platônico que constitui para eles honra” (LIMA NETO, 2018, p. 75); três séculos depois de sua época, Agostinho de Hipona ainda o designava por *Philosophus platonicus*

¹⁸ Gerald Sandy pondera, aliás, que a associação entre Eros e Psiquê na iconografia adviria já da elaboração platônica sobre a relação entre o amor e a alma, conforme *Fedro* e *O Banquete* (1999, p. 113).

¹⁹ Os dados biográficos de Apuleio são excepcionalmente numerosos, uma vez que permanecem acessíveis por meio de *Apologia*, obra que registra sua arguição judicial contra as acusações de sedução e uso de magia no casamento com a viúva Pudentilla (HUNINK, 1998, p. 282). Quanto ao dado sobre o local de nascimento, no entanto, deve-se ao comentário sobre Madaura no livro XI de *O Asno de Ouro*, onde o narrador parece operar uma confusão potencialmente intencional entre o protagonista da narrativa e o autor (PENWILL, 1975, p. 76).

madaurensis (*idem*); das seis obras remanescentes de sua vasta produção, três são tratados filosóficos, e um destes se debruça especificamente sobre a teoria *daemonológica* suscitada pelo *daimon* de Sócrates. Com isto, torna-se bastante patente como a matéria platônica se manifesta nos mais diversos níveis da elaboração de Apuleio e, de modo especial, na figura de Eros: é por meio desta força que o autor provê um fio condutor elementar a ambos o conto e o romance d’*O Asno de Ouro*. Se pelo viés mítico-literário, a natureza ativa e até mesmo autoral deste Cupido repercute um papel essencial de gerador cosmogônico, irresistível força divina e condutor de destinos, também pela perspectiva platônica a ênfase em seu papel agentivo não se faz fortuita, afinal, Apuleio segue Platão e lhe imputa a incumbência ambivalente de um *daimon*. Por esta chave interpretativa, todo o conto se desdobra em uma reelaboração sobre a íntima relação de Eros, ente intermediador das esferas humana e divina, na ascensão de Psiquê, a alma humana: por meio do procedimento filosófico, na disposição e disciplina para se afastar de capacidades inferiores da alma humana, o amor conduz a busca de conhecimento. E, *vis-à-vis* ao que ocorre nas demais instâncias de projeção com o romance, a força de Cupido finalmente se lança sobre a jornada de Lúcio, conferindo-lhe uma combinação da teoria erótico-platônica ao fundo místico em que se funda o destino isíaco do Livro XI.

No liame das multiplicidades eróticas d’*O Banquete e de Fedro*, Apuleio negocia sobre a matriz filosófica traços de cada uma das demais dimensões artísticas recolhidas, costurando o simbolismo de Eros a nível estrutural e narrativo. Enquanto n’*O Banquete* Pausânias segmenta o Amor em uma divindade elevada e outra rebaixada com relação a seu *êthos* e sua influência sobre os homens, Apuleio rearranja em Cupido as representações tradicionais a fim de demonstrar a evolução entre uma e outra destas facetas platônicas: partindo de “uma criança, que fere a todos indiscriminadamente” (TEIXEIRA, 2000, p. 80), o menino alado helenístico (HOOKER, 1955, p. 28) que dispõe de seu arco e flecha para incitar a atração sexual (GANTZ, 1993, p. 3-4), passa ao adolescente apaixonado cuja insegurança juvenil impõe a segregação com Psiquê. Este primeiro arco da narrativa evoca a faceta baixa de Cupido, *Amor Vulgaris*, popular e físico como a personificação do desejo sexual (PENWILL, 1975, p. 51) que o casal inicialmente desfruta na “união dos prazeres sensuais” (TEIXEIRA, 2000, p. 80). A face elevada do deus, *Amor Caelestis*, paulatinamente se constrói nos acontecimentos subsequentes à queda de Psiquê, quando Cupido passa por um período de convalescência na morada de Vênus — um estágio intermediário de maturação —, para finalmente emergir ao final da narrativa, pleiteando sua emancipação e a intercessão de Júpiter em favor da esposa. Destarte, o mesmo simbolismo evolutivo de Eros propicia não apenas a ascensão de Psiquê de mortal a conviva dos deuses no plano supraceleste mas também retroalimenta a transformação do próprio personagem de Cupido: combinando-se às dimensões angariadas do paradigma folclórico, Cupido passa de fera maldosa a marido zeloso pela chegada da amada, tendo no amor florescente o propulsor da elevação de sua própria expressão erótica.

Para além de Pausânias, as dualidades no Cupido de Apuleio conciliam também os aspectos do Eros daimônico proveniente do mito etiológico elaborado por Diotima ao fim d’*O Banquete* (TILG, 2014, p. 79): pelo lado materno, Eros dá continuidade às privações da Pobreza, “seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo” — aspecto este ausente na compleição do deus no conto, mas alusivo aos efeitos de sua rejeição sobre Psiquê. Já pela natureza do paterno Recurso, “é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos” (*Banq.* 203d-e), inclusive no que tange ao âmbito narrativo: Cupido se apaixona propositalmente por Psiquê (FRANGOULIDIS, 1994, p. 68), manipula o Oráculo de Apolo para trazê-la para si (WALSH, 1998, p. 202), auxilia de forma velada em suas provações (*idem*, p. 214) e, acometido de piedade, retorna para salvá-la (TILG, 2014, p. 78). Assim, tal qual ocorre com as peças do Romance Grego, Cupido mais uma vez assume o papel propulsor do enredo como verdadeiro “coautor da narrativa” (DUARTE, 2020, p. 186) para si próprio e para os caminhos nos quais guia Psiquê.

Na sua essência, estas camadas ambivalentes de caracterização circunscrevem-se à dimensão platônica de condutor do conhecimento: “Cupido representa Eros [...] divino que em *Fedro* motiva a alma rumo à beleza verdadeira e imperecível” (PENWILL, 1975, p. 53)²⁰. Sua ingerência é como um *lumen in tenebris* (WALSH, 1998, p. 223) que resgata Psiquê do mais profundo e letal sono no Hades, alçando-a à imortalidade — uma associação de Cupido à divina luz do conhecimento, tal como desenvolvida por Costas Panayotakis (2001, p. 576): orquestrada por Apuleio em termos de visão e cegueira, a alegoria indica que Psiquê inicialmente não está pronta para contemplar a luz da virtude, dado que justifica a proibição do marido; de fato, ela não teria a capacidade de fazê-lo, por estar vinculada a um mundo material. Para transcender rumo ao domínio supraceleste onde residem “as verdadeiras essências” no mito platônico (*Fedro*, 247d), assim a alma precisa incorrer em um compromisso de fé²¹, uma disposição de espírito da qual se instrui por meio das provações²² (HAIGHT *apud* HOOKER, 1955, p. 26) conferidas por Cupido²³. Nesse mesmo sentido, Ken Dowden salienta a associação entre δαίμων (*daemon*) e νοῦς (intelecto ou razão) no Neoplatonismo, termos que traduzem a entidade orientadora no amadurecimento de Psiquê (1982, p. 348); com isto, Cupido é investido de uma dimensão paidêutica inerente ao Eros de Platão, mediário de alto e

²⁰ “According to this [interpretation of the tales in Platonic Terms], Cupid represents Eros, that divine Eros in the *Phaedrus* which motivates the soul towards true imperishable Beauty”.

²¹ Como desenvolve Ward Hooker, “I would attribute to Cupid’s invisibility is that love is a commitment on faith [...]. As religious faith is a conscious pursuit of immortality, so love, according to Platonic doctrine” (1955, p. 29).

²² Ampliando essa concepção para a interface com Lúcio, Nancy Shumate (1999, p. 102-103) aponta que ambos os protagonistas apresentam um defeito epistemológico: precisam aprender a ver onde repousa o verdadeiro conhecimento e valor — o que se justifica do ponto de vista das provações que passam, e também do substrato platônico relativo ao redirecionamento da *curiositas* de Lúcio.

²³ Para E. J. Kenney (1990, p. 26), Psiquê é julgada e condenada por *Amor Caelestis*, e punida por *Venus Vulgaris*.

baixo, intelectual e bestial, mortal e divino, um *daemon* capaz de “interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses [...] é através desse ser que se faz todo o convívio e diálogo dos deuses com os homens” (*Banq.* 202e-203a). Tal como o proferido por Diotima n’*O Banquete*, a conclusão do conto pelo nascimento de *Voluptas* simbolizaria a ascensão de Psiquê ao plano celestial por meio da devoção ao marido²⁴: sobrevém o verdadeiro prazer, de teor ascético. Eros se constitui como uma via de elevação espiritual arduamente trilhada pela alma, que ao fim poderá desfrutar da virtude fecundada, gerada e concebida:

aqueles porém que é em sua alma [que estão fecundados] — pois há os que concebem na alma mais que no corpo, o que convém à alma conceber e gerar; e o que é que lhes convém senão o pensamento e o mais da virtude? [...] destes por sua vez quando alguém desde cedo fecundado em sua alma, ser divino que é, e chegada a idade oportuna, já está desejando dar à luz e gerar, então também este, penso eu, à sua volta o belo em que possa gerar [...] (*Banq.* 209b-209a).

De maneira ampla, esta influência sobre a trama potencializa em Cupido o emissário entre os domínios do cosmos, verdadeiro representante da teoria *daemonológica* desenvolvida por Apuleio em *De Deo Socratis* (SANDY, 1999, p. 114), não distante da Ísis que em Plutarco²⁵ conduz à mais elevada instância divina, emblematizada por Osíris (HELLER, 1983, p. 328), em uma sucessão transposta pela redenção de Lúcio ao final do romance.

Contra essa dimensão positivada na representação de base platônica, L. J. Penwill (1975; 1998) toma a atuação de Cupido sobre Psiquê como pivô de um argumento convincente, conquanto abertamente dissidente, dentro do recorte maior da narrativa de Lúcio. Dando relevo à face obscura do deus que impetuosamente arrebatava os mortais, aterrorizante como a criatura apresentada pelo Oráculo de Apolo (BARRETT, 1994, p. 80)²⁶, Penwill entende que este seria exclusivamente um *Amor Vulgaris*. Até mesmo na caracterização ostenta excessiva beleza, dado que dista do entrelugar em que Diotima o põe no mito de seu nascimento — “longe está de ser delicado e belo” (*Banq.* 203c-d) —, em designação indicativa de um nível agatônico de percepção do amor (PENWILL, 1998, p. 168). Movido pela provocação sexual de Vênus, que o beija de forma nada maternal a fim de angariar seus favores, Cupido teria sido instigado a relacionar-se com uma moça cujo principal

²⁴ Psiquê cumpre os desígnios de Cupido, conforme o caminho de servidão obediente aconselhado por Pã (SCHLAM, 1992, p. 84): “Venera, antes, por tuas preces a Cupido, o maior dos deuses, e faz por merecer, por meio de ternas homenagens, o favor [...]” (APULEIO, V. 25). Com isto, Pã figura como um *senex sapiens* que zela pela heroína em sua jornada (RAGNO, 2020, p. 40), um mestre mistagogo tal qual ocorre na prece de Sócrates em *Fedro* (279b) (SCHLAM, 1992, p. 95).

²⁵ Note-se a expressa associação dada entre Lúcio e Plutarco em I. 2, indicativo deste referencial para Apuleio.

²⁶ Neste mesmo artigo, Conrad Barrett (1994, p. 76) aponta a relevância de Apuleio ter chamado seu herói de Cupido (desejo ou paixão) e não Amor, cuja escolha implicaria no conceito platônico da energia que transforma a alma. Tal consideração parece consonante com a tese desenvolvida em Penwill.

atributo físico é precisamente a similaridade com a deusa;²⁷ tomado de paixão, teria assim utilizado um ardil para manipular o Oráculo de Apolo (1998, p. 202). Contrapondo-se ao defendido por E. J. Kenney (*apud* PENWILL, 1998, p. 169), Penwill crê que Cupido não teria intervindo nas provas de Psiquê — afinal, não provocaria em si mesmo a queimadura que desencadeia as agruras da esposa e não seria capaz de agir durante o sono para ajudá-la, quando já combalido. Por fim, a reunião com Psiquê adviria não de compaixão, mas de paixão, tendo na Volúpia resultante um emblema da permanente escravização da alma aos ditames do desejo sexual (PENWILL, 1975, p. 53).

Ainda que este Cupido não seja capaz de conduzir à virtude segundo tal linha argumentativa, a tese de Penwill não se opõe à interpretação platônica do conto.²⁸ De fato, o autor desdobra os efeitos de *Eros Pandemios* do discurso de Pausânias, tendo-o ainda como regente de destinos, mas pela orientação do “mau [...] amante popular, que ama o corpo mais que a alma, e ainda dos mais desprovidos de inteligência, tendo em mira efetuar o ato, sem se preocupar se é decentemente ou não” (*Banq.* 183d-e). Assim, a narrativa seria um contraexemplo à conduta que Lúcio deve passar a exercer no contexto maior do romance²⁹, um aviso loquaz sobre abandonar-se aos prazeres entorpecentes no reino degenerado da *Fortuna Caeca* (PENWILL, 1998, p. 161). A esse respeito, nota ainda Penwill o diálogo direto entre o conto de *Cupido e Psiquê* e a encenação do Julgamento de Páris, no Livro X: a famigerada proclamação de Vênus³⁰ seria representativa da escravidão que se engendra na reiterada predileção pelo prazer sexual, reforçando a moral veiculada no destino de Psiquê (1975, p. 65-66). À parte o argumento sobre a dessacralização das divindades tradicionais em favor do alçamento de Ísis (TEIXEIRA, 2000, p. 79), a correlação estabelecida por Penwill assim

²⁷ Para Yun Lee Too (2001, p. 184), a confusão de Psiquê com Vênus seria uma chave desencadeadora de ainda outro sentido interpretativo na obra: ambos os protagonistas lutam contra um grave problema de estabelecimento de identidade daqueles que os cercam. A questão se difunde para o romance como um todo, colocando à prova aqueles que tentam lhe emoldurar em uma identidade textual.

²⁸ Ainda que o autor de certo modo conteste a interpretação platônica do conto (1998, p. 177), e afirme que a chave para entender o papel de Cupido esteja menos na doutrina platônica que no registro literário (*idem*, p. 164).

²⁹ De modo análogo, a interpretação negativa sobre a jornada de Psiquê desencadearia no romance um comentário amargo e irônico sobre novas formas de escravização: Lúcio deixa o mundo de prazeres rebaixados, mas se tornaria iniciado isíaco, onde passaria a ser dominado pela religião (BIERL, 2013, p. 96).

³⁰ Vale notar ainda a caracterização de Vênus na performance: “Havia um contraste de cores entre o corpo da deusa, que era branco, pois que viera do céu, e o manto azul, nascido do mar” (APULEIO, X. 31) — não há dúvidas que na aparência seria uma *Venus Caelestis*, enquanto sua ingerência se combina a *Venus Vulgaris*. A efusiva descrição que se segue cria confusão sobre qual é a verdadeira deidade a ser cultuada (SCHLAM, 1970, p. 484), uma vez que, enfim, trata-se de uma ilusão — é uma atriz personificando Vênus. Este é um típico jogo que Apuleio faz entre aparência e conteúdo (SCHLAM, 1970, p. 481); como aponta Steven Heller, “Books 1-10 are an allegorical representation of the world of becoming. Things are never what they seem to be, and the reader and Lucius are constantly fooled” (1983, p. 328). Afinal de contas, tudo remete ao platonismo que Apuleio pretende veicular: “He concludes [*Apology*] with an exhortation to turn away from external appearances and cultivate wisdom, the perfection of what is divine within us. Concern for one’s genius should be the impetus for the philosophic life, of which Socrates is the example to be imitated” (SCHLAM, 1970, p. 479).

atualiza os valores das divindades *Pandemioi* de Pausânias³¹, ampliando suas ingerências sobre a jornada de Lúcio: tal qual Páris e Psiquê, o asno cede aos encantos dos prazeres vulgares, e deve fazer uma renúncia consciente para remediar o ciclo vicioso da humanidade rebaixada.

Seja como paradigma positivo ou negativo à moral desenvolvida na jornada de Lúcio, o encaixe da alegoria platônica transposta por meio do conto de *Cupido e Psiquê* confere notórias chaves interpretativas para o simbolismo global do romance. Pareando as personagens do âmbito romano às do mundo mítico, *O Asno de Ouro* traz a metamorfose de homem em animal graças à desmedida curiosidade por magia e luxúria, enquanto no conto também as pulsões baixas da alma afastam Psiquê de seu caminho de elevação divina; as onerosas jornadas à mercê de um mundo hostil têm na orientação de divindades redentoras o caminho para a salvação — ambos, Cupido e Ísis, submetem os protagonistas a provações educativas³² a fim de alçá-los a um plano superior. Com isto, faz-se notória a abertura de possibilidades articuladas por Apuleio nos segmentos das narrativas, essencialmente suscitadas pelos diferentes Eroles que em Cupido desdobram novas e divergentes perspectivas interpretativas.

Esse intrincado nível de correspondência projetado entre os planos narrativos pleiteia o favorecimento da simetria elaborada por Apuleio, ao mesmo tempo em que evoca especulações desfavoráveis a seu artifício literário: entre o tom burlesco dos dez primeiros livros e a solenidade na sequência final (HELM; PERRY *apud* SANDY, 1972, p. 179)³³, e até mesmo na impugnação à criação do 11º livro (KENNEY, 1998, p. 24), parte da crítica contesta a lógica da composição (SHUMATE, 1999, p. 97) na inconsistência de tom e de condução de elementos narrativos díspares. Mormente no escopo do conto, o problema de unificação das fontes angariadas se espriaria para a entidade que o conduz: a justaposição das múltiplas faces de Eros possivelmente endossaria a tese de P. G. Walsh sobre a inépcia do autor em dirimir o inerente descompasso entre a “concepção de herói na tradição literária e no folclore” (1998, p. 199)³⁴, assim propiciando um Cupido “esquizoide”, reunião canhestra da entidade cósmica que conduz ao plano supraceleste ao deus do desejo associado a Afrodite, do menino arteiro na iconografia helenística ao marido dedicado no conto de fadas, ou ainda, de *Eros Pandemios* ao *Eros Ouranios* no discurso de Pausânias.

³¹ Para além da narrativa, aliás, a influência do par *Venus e Amor Vulgaris* concede ramificações também concretas, tanto na memória da injusta condenação de Sócrates, da qual o asno-filósofo em vão se lamenta (PENWILL, 1975, p. 66), quanto como um escândalo de suborno judicial, representado pelo caso de Páris (KIRICHENKO, 2008, p. 91-92).

³² Este é o posicionamento da maioria da crítica, e principalmente daqueles que dão relevo ao subtexto platônico na obra (TATUM, 1969; RELIHAN, 2007). No pólo oposto, evidencia-se como de costume a interpretação de L. J. Penwill (1975, 1998), e também a de Cláudia Teixeira (2000): estes autores não veem nas provações uma educação necessária, mas defendem linhas argumentativas distintas.

³³ A defasagem de tons é amplamente justificada por Steven Heller, que advoga em favor de um simbolismo pitagórico propositalmente articulado à conclusão mítico-platônica no fundo estrutural do romance (1983, p. 327).

³⁴ “*This schizoid character persists to the final scene, demonstrating the gulf between the conceptions of the hero in literary tradition and in folk-tale*”.

Não obstante, evidencia-se na produção literária de Apuleio irrefutável versatilidade³⁵ (GUIMARÃES, 2019, p. 25), combinada à disciplina (TATUM, 1969, p. 488) e ao estilo unicamente antagônico com que arquiteta suas obras, tal qual anuncia desde o prólogo do romance: “estilo alto e baixo; seriedade e humor; a verdade nua e ludíbrio velado [...] O artista brinca com a expectativa da audiência e dilata os limites do possível” (RELIHAN, 2007, p. XIII)³⁶. Sua estatura literária, antes de tudo, se dá pela complexidade de modos e meios mobilizados:

O madaurense é grande apreciador de jogos de palavras [...] o tom geral de ironia, e a escolha de palavras, dão um toque inimitável à sua prosa. Vê-se como o talento versátil, o temperamento do autor, torna o estilo acrobático. Em meio à séria, às vezes solene, construção com palavras medidas e severas, reponta a orelha do asno. São locuções raras, arranjos inesperados [...] E, com tudo isto, o que falta em pureza da língua e em simetria na construção, sobra em pitoresco e colorido, neste conto de fadas rico, fantástico, erótico e, sobretudo, poético (GUIMARÃES, 2019, p. 30-31).

Deste modo, faz-se plenamente concebível que a pretensa colcha de retalhos mal amarrada de Cupido poderia importar em franco planejamento por parte de Apuleio. Sobre minuciosa tessitura, o autor resgata o caráter multifacetado que os deuses possuíam na tradição (SAFO, 2021, p. 69), afinal, nem mesmo Platão e sua célebre maestria literária e filosófica puderam reduzir Eros a uma ou outra manifestação, angariando no *Banquete* sete visões distintas para um efusivo diálogo encomiástico. Portanto, a articulação das diversas faces poderia ser considerada um expediente retórico corrente em Apuleio, na reunião de aspectos díspares em função de sua linha argumentativa (HUNINK, 1998, p. 282) e, ainda mais: uma transfiguração intencional das fontes, a fim de promover um jogo de conciliação entre mito, folclore, iconografia e literatura sobre o fundamento platônico.

Por um lado, Cupido evolui no *Amor Caelestis* cuja conclusão é a virtude; sua jornada de amadurecimento — ou ainda, metamorfose —, desvela um ensinamento verdadeiramente dialético e dialógico que desponta da função paidêutica do mito em Platão: a Psiquê, ao homem-asno Lúcio e à audiência do romance, as vestes de literatura milésia sutilmente expõem a premência do amor na evolução da alma. Contudo, os intervalos de Eros alinhavados em fios filosóficos — menino e moço, amante e marido, deus e *daimon*, *pandemios* e *ouranios*, condutor e conduzido —, oferecem ainda uma última projeção: protagonista e autor. São entes que se entrelaçam e escapam à fixação,

³⁵ Versatilidade esta que jaz não apenas no artifício e domínio da tradição, mas no trânsito entre diversos gêneros: “on the ninth speech of the Florida, Apuleius claims to write works of every genre (omnigenus): epic, lyric, comedy, tragedy, satire, riddles, histories, speeches, philosophical dialogues and other (alia), in both Greek and Latin” (BITEL, 2001, p. 137), e há notícias de que Apuleio teria composto ainda “hinos, panegíricos, tratados de botânica, zoologia, medicina, astronomia, entre outros” (LIMA NETO, 2019, p. 74), um atestado de sua polivalência e perícia nos mais diversos temas literários.

³⁶ “high and low styles; seriousness and humor; sublimity and venality; naked truth and veiled imposture [...] Such a performer toys with audience expectation and stretches the limits of the possible”.

insistentemente reunindo um vasto cabedal de caminhos interpretativos. Por fim, a potência erótica que é o grande artífice de tramas, *daimon* condutor de destinos, mascara o intermédio do próprio gênio do autor — poucas figuras traduzem tão bem o traço labiríntico de Apuleio quanto o Cupido por ele confeccionado.

Referências bibliográficas

- ALVARES, Jean. *Daphnis and Chloe: Innocence and Experience, Archetypes*. In: CUEVA, Edmund P. BYRNE, Shannon N. (Eds.). **A Companion to Ancient Novel**. 1. ed. West Sussex: John Wiley & Sons, 2014. 628p. cap. 2, pp. 26-42.
- APULEIO. BIANCHET, Sandra Braga (Trad.). **As metamorfoses de um burro de ouro de Apuleio**. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2020. 295p.
- APULEIO. GUIMARÃES, Ruth (Trad., introd. e notas). DUARTE, Adriane da Silva (Apres. e notas adicionais). **O Asno de Ouro**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. 480p.
- BARRETT, Conrad. The Marriages of Charite and Psyche in the Context of Apuleius' *Metamorphoses*. **The Classical Bulletin**, St. Louis, v. 70, n. 2, p. 73-88, jan. 1994.
- BIERL, Anton. From Mystery to Initiation: A Mytho-Ritual Poetics of Love and Sex in the Ancient Novel – even in Apuleius' *Golden Ass*?. In: PINHEIRO, Marília P. Futre. BIERL, Anton. BECK, Roger (Eds.). **Intende, Lector — Echoes of Myth, Religion and Ritual in the Ancient Novel**. 1. ed. Berlin/Boston: De Gruyter, 2013. 320p. pp. 82-99.
- BIERL, Anton. Love, Myth and Ritual: The Mythic Dimension and Adolescence in Longus' *Daphnis and Chloe*. In: CUEVA, Edmund P. BYRNE, Shannon N. (Eds.). **A Companion to Ancient Novel**. 1. ed. West Sussex: John Wiley & Sons, 2014. 628p. cap. 28, pp. 441-455.
- BITEL, Anton. Fiction and History in Apuleius' Milesian Prologue. In: KAHANE, Ahuvia. LAIRD, Andrew (Eds.). **A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2001. 341p. cap 13, pp. 137-151.
- BREITENBERGER, Barbara. **Aphrodite and Eros: The development of Erotic Mythology in Early Greek Poetry and Cult**. 1. ed. Nova Iorque: Routledge, 2007. 307p.
- DOWDEN, Ken. Psyche on the Rock. **Latomus**, Bruxelas, v. 41, n. 2, pp. 336-352, abr-jun. 1982.
- DUARTE, Adriane da Silva. Posfácio: Tudo está bem quando acaba bem: o final feliz no romance grego. In: CÁRITON DE AFRODÍSIAS. DUARTE, Adriane da Silva (Trad., apres. e posf.). **Quéreas e Calíroo**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2020. 208p. pp. 183-199.
- EDWARDS, M. J. The tale of Cupid and Psyche. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, Bonn, bd. 94, pp. 77-94, 1992.
- FRANGOULIDIS, Stavros. Venus and Psyche's Sisters in Apuleius' Tale of 'Cupid and Psyche'. **The Classical Bulletin**, St. Louis, v. 70, n. 2, pp. 68-72, jan. 1994.
- GANTZ, Timothy. **Early Greek myth: a guide to literary and artistic sources**. 1. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993. 919p.
- GUIMARÃES, Ruth. O homem de Madaura. In: APULEIO. GUIMARÃES, Ruth (Trad.). DUARTE, Adriane da Silva (Introd. e notas). **O Asno de Ouro**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. 480p. pp. 23-33.
- HELLER, Steven. Platonic Dualism, and Eleven. **The American Journal of Philology**, Baltimore, v. 104, n. 4, pp. 321-339, inverno 1983.
- HOOKER, Ward. Apuleius's 'Cupid and Psyche' as a platonic myth. **The Bucknell Review**, Lewisburg, v. 5, n. 3, pp. 24-38, maio 1955.

- HUNINK, Vincent. The enigmatic Lady Pudentilla. *American Journal of Philology*, Baltimore, v. 119, n. 2, pp. 275-291, verão 1998.
- JAMES, Paula. Apuleius' *The Golden Ass*: The Nature of the Beast. In: CUEVA, Edmund P. BYRNE, Shannon N. (Eds.). *A Companion to Ancient Novel*. 1. ed. West Sussex: John Wiley & Sons, 2014. 628p. cap. 7, pp. 119-132.
- BYRNE, Shannon N. (Eds.) Apuleius' *Metamorphoses*: A Hybrid Text?. In: CUEVA, Edmund P. BYRNE, Shannon N. (Eds.). *A Companion to Ancient Novel*. 1. ed. West Sussex: John Wiley & Sons, 2014. 628p. cap. 20, pp. 317-329.
- KALTSAS, Nikolaos. HARDY, David (Trad.). *Sculpture in the National Archaeological Museum, Athens*. 1. ed. Los Angeles: Getty Publications, 2002. 376p.
- KENNEY, E. J. Introduction. In: APULEIO. KENNEY, E. J. (Ed., trad. e introd.). *Cupid and Psyche*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 176p. pp. 1-38.
- KENNEY, E. J. Introduction. In: APULEIO. KENNEY, E. J. (Trad.). *The Golden Ass or Metamorphoses*. 1. ed. Londres: Penguin, 1998. 320p. pp. 11-37.
- KIRICHENKO, Alexander. *Asinus Philosophans*: Platonic Philosophy and the Prologue to Apuleius' *Golden Ass*. *Mnemosyne*, Leiden, v. 61, n. 1, pp. 89-107, 2008.
- LIMA NETO, Belchior Monteiro. Paideia e ascensão social na África romana: a biografia de Apuleio de Madaura (séc. II d. C). *Heródoto — Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas*, Guarulhos, v. 3, n. 2, pp. 72-87, 2019. <<https://doi.org/10.31669/herodoto.v3n2.10>>. Acesso em: 4 maio 2021.
- PANAYOTAKIS, Costas. Vision and Light in Apuleius' Tale of Psyche and Her Mysterious Husband. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 51, n. 2, pp. 576-583, 2001.
- PENWILL, J. L. Slavish pleasures and profitless curiosity: fall and redemption in Apuleius' *Metamorphoses*. *Ramus*, Cambridge, v. 4, i. 1, pp. 49-82, 1975.
- PENWILL, J. L. Reflections on a 'happy ending': the case of Cupid and Psyche. *Ramus*, Cambridge, v. 27, i. 2, pp. 160-182, 1998.
- PLATÃO. SOUZA, José Cavalcante de (Trad.). *Fedro*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016. 256p.
- PLATÃO. SOUZA, José Cavalcante de (Trad.). *O Banquete*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016. 256p.
- QUINTERO, Mateo Navarro. El amor en la Odisea de Homero. In: GRISALES, Óscar Hincapié. CASTRO, Juan Fernando García (Orgs.). *A Homero lo trajo el mar: navegando en la Odisea*. 1. ed. Medellín: UPB, 2020. 161p. pp. 23-50. Disponível em: <<https://repository.upb.edu.co/bitstream/handle/20.500.11912/8425/amor%20en%20la%20Odisea.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 3 dez. 2021.
- RAGNO, Tiziana. 'Del soffrir degli affanni è dolce il fine'. Ancient myth and comic drama in G. F. Fusconi's libretto (with G.F. Loredano and P. Michiel) for F. Cavalli, *Amore innamorato* (1642). In: MAY, Regine. HARRISON, Stephen (Eds.). *Cupid and Psyche: The Reception of Apuleius Love Story since 1600*. 1. ed. Berlim/Boston: De Gruyter, 2020. 468p. cap. 1, pp. 31-46.
- RELIHAN, Joel C. Introduction. In: APULEIUS. RELIHAN, Joel C. (Trad. e introd.). *The golden ass, or, A book of changes*. 1. ed. Indiana / Cambridge: Hackett Publishing Company, 2007. 325p. pp. IX-XLI.
- SAFO. RAGUSA, Giuliana (Org. e trad.). *Hino a Afrodite e outros poemas*. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2021. 212p.
- SANDY, Gerald. Knowledge and curiosity in Apuleius' *Metamorphoses*. *Latomus*, Cambridge, v. 31, n. 1, pp. 179-183, jan-mar. 1972.
- SANDY, Gerald. The Tale of Cupid and Psyche. In: HOFMANN, Heinz (Ed.). *Latin Fiction: The Latin Novel in Context*. 1. ed. Londres/ Nova Iorque: Routledge, 1999. 256p. cap. 8,

- pp. 107-117.
- SANDY, Gerald. HARRISON, Stephen. Novels ancient and modern. In: WHITMARSH, Tim (Ed.). **The Cambridge Companion to The Greek and Roman Novel**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 401p. cap. 18, pp. 299-320.
- SCHLAM, Carl C. Platonica in the *Metamorphoses* of Apuleius. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Baltimore, v. 101, pp. 477-487, 1970.
- SCHLAM, Carl C. The scholarship on Apuleius since 1938. **The Classical World**, Baltimore, v. 64, n. 9, pp. 285-309, maio 1971.
- SCHLAM, Carl C. **The *Metamorphoses* of Apuleius: on making an ass of oneself**. 1. ed. North Carolina: University of North Carolina Press, 1992. 186p.
- SCHLAM, Carl C. Cupid and Psyche: Folktale and literary narrative. In: HOFMANN, H. (Ed.) **Groningen Colloquia on the Novel, Vol. V**. 1. ed. Groningen: Egbert Forsten, 1993. 194p. pp. 63-73.
- SHUMATE, Nancy. Apuleius' *Metamorphoses*: the inserted tales In: HOFMANN, Heinz (Ed.). **Latin Fiction: The Latin Novel in Context**. 1. ed. Londres/ Nova Iorque: Routledge, 1999. 256p. cap. 7, pp. 96-106.
- TATUM, James. The tales in Apuleius' *Metamorphoses*. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Baltimore, v. 100, pp. 487-527, 1969.
- TEIXEIRA, Cláudia. **A conquista da Alegria: estratégia apologética no romance de Apuleio**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2000. 160p.
- TEMMERMAN, Koen De. Characterization in the Ancient Novel. In: CUEVA, Edmund P. BYRNE, Shannon N. (Eds.). **A Companion to Ancient Novel**. 1. ed. West Sussex: John Wiley & Sons, 2014. 628p. cap. 14, pp. 231-243.
- TILG, Stefan. **Apuleius' *Metamorphoses*: A study in Roman fiction**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2014. 208p.
- TOO, Yun Lee. Losing the Author's Voice: Cultural and Personal Identities in the *Metamorphoses* Prologue. In: KAHANE, Ahuvia. LAIRD, Andrew (Eds.). **A Companion to the Prologue of Apuleius' *Metamorphoses***. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2001. 341p. cap. 16, pp. 177-187.
- WALSH, P. G. **The Roman Novel**. 1. ed. Bristol: Bristol Classical Press, 1998. 286p.
- YOUNG, Yael. A painful matter: the sandal as a hitting implement in Athenian iconography. **Humanities and Social Sciences Communications**, Londres, v. 7, n. 1, pp. 1-11, ago. 2020. Disponível em <<https://www.nature.com/articles/s41599-020-00558-z>>. Acesso em: 3 jan. 2022.

